

NELSON RODRIGUES EM CINQUENTA E CINCO ANOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: UM DIÁLOGO CONSTANTE ENTRE REALIDADE E FICÇÃO¹

RADAELLI, Patrícia Barth²

RESUMO

No contato entre formas e conteúdos, entre o contar e o recontar, realizam-se as criações literárias, com sua autenticidade marcada, no processo de criação, pelas escolhas estéticas e dialógicas feitas pelos autores. A peculiaridade da arte literária, segundo Antonio Candido (1985), decorre do impulso criador que se estabelece como unidade inseparável, no influxo exercido pelos valores sociais – ideologias e sistemas de comunicação, num diálogo constante da arte com a realidade e, dialeticamente, com a própria arte, em recriações que vão resultar em gêneros diversos. É com base nesse entendimento que esta pesquisa expõe recortes do percurso textual de Nelson Rodrigues (1912 - 1980); são cinquenta e cinco anos de produção de um itinerário latente cingido por mais de duas mil criações. A obra Nelson-rodriguesana é entendida, neste estudo, a partir de uma dimensão híbrida e plural e os textos de crônica, contos e peças de teatro são analisados numa menção à teoria freudiana e às contribuições teóricas, além de Antonio Candido (1985), de autores como Perrone-Moisés (1990), Carl Gustav Jung (2016), Hutcheon (2013), Bakhtin (2002) e Lejeune (2008). Os textos de Nelson Rodrigues inovam no estilo, no gênero e, principalmente, na construção das complexas personagens e situações, com a retomada de arquétipos que permeiam os temas, conteúdos e formas em várias adaptações. As cinco décadas de produções continuam ecoando fortemente em distintos campos da arte, com diferentes elaborações por despertarem interesse de autores e leitores há várias gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Nelson Rodrigues, recriações, diálogos

NELSON RODRIGUES IN FIFTY-FIVE YEARS OF TEXTUAL PRODUCTION: A CONSTANT DIALOGUE BETWEEN REALITY AND FICTION

ABSTRACT

In the contact among form and content, telling and retelling, are performed literary creations, with their highlighted authenticity, in the creation process, the aesthetic and dialogic choices made by the authors. The peculiarity of the literary art, according to Antonio Candido (1985), stems from the creative impulse that is established as inseparable unity, in the influence exerted by social values - ideologies and communication systems, in a constant dialogue between art and reality and, dialectically, with art itself, in recreations which will result in various genres. It is based in this understanding that this research exposes textual route clippings from Nelson Rodrigues (1912 - 1980); It is a production with fifty-five years of latent route girded by over two thousand creations. The Nelson Rodrigues texts innovate in style, genre, and especially in the construction of complex characters and situations, with the resumption of archetypes that underlie the topics, contents and forms in various adaptations. The five decades of production remain heavily echoing in different fields of art, with different elaborations by awaken interest of authors and readers for generations. The Nelson-rodriguesana work is understood in this study from a hybrid and plural dimension and chronic texts, short stories and plays are analyzed in reference to Freud's theory and theoretical contributions, besides Antonio Candido (1985), authors as Perrone-Moisés (1990), Carl Gustav Jung (2016), Hutcheon (2013), Bakhtin (2002) and Lejeune (2008)

KEYWORDS: Literature, Nelson Rodrigues, recreations, dialogues

¹ Este artigo é o resultado de um recorte do texto do Seminário de Tese, apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel, com a Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados, com a orientação da Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves

² Aluna regular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, professora de Leitura e Produção, do Núcleo Base, do Centro Universitário Assis Gurgacz.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo explicitar e analisar alguns recortes do percurso literário de Nelson Rodrigues (1912 - 1980), um dos mais polêmicos escritores brasileiros; considerado pela crítica como irreverente para o registro literário de seu tempo. Com elementos melodramáticos, marcados por forte expressividade, Nelson Rodrigues compôs, em cinquenta e cinco anos, um itinerário latente cingido por mais de duas mil criações.

Os textos rodrigueanos, neste estudo, são tomados por uma dimensão híbrida e plural e lidos numa menção à teoria freudiana, já que o autor transitava do consciente (eu) ao subconsciente (super-Eu) e às fantasias do inconsciente (Id). Além das contribuições teóricas de Freud (2012), também são resgatados os aportes teóricos de Antonio Candido (1985), Perrone-Moisés (1990), Carl Gustav Jung (2016), Hutcheon (2013), Bakhtin (2002), dentre outros.

Ainda, com o objetivo de evidenciar as repercussões e intertextualidades provocadas pelo autor, não apenas na ficção, são focalizadas algumas pesquisas desenvolvidas em universidades de todo o país, com diferentes problematizações. Nelson Rodrigues, por transitar por vários gêneros, suscitou diálogos entre autores ficcionais, entre críticos literários e teóricos da linguagem das mais diversas áreas. Essa condição, de um autor plural e polifônico, permeia este trabalho.

2. O PERCURSO DE UM AUTOR PLURAL

Nos enredamentos do contar e recontar, no contato entre formas e conteúdo, nos contos, nas crônicas, nos romances, nos poemas, nas peças dramatúrgicas, realizam-se as criações poéticas. A autenticidade de cada obra de literatura é marcada, no processo de criação, pelas escolhas estéticas e dialógicas feitas por seu autor.

A peculiaridade da arte literária, bem explicitada por Antonio Candido (1985), decorre do impulso criador que se estabelece como unidade inseparável, no influxo exercido pelos valores sociais – ideologias e sistemas de comunicação – refratados em conteúdo e forma, num diálogo constante da arte com a realidade e, dialeticamente, com a própria arte, em recriações que vão resultar em gêneros diversos.

Leyla Perrone-Moisés escreve em seu artigo *Literatura Comparada: intertexto e antropofagia* (1990), sobre os diálogos entre os textos literários e destes com a realidade, contrapondo-se, porém, à noção de hierarquia e influência. Para a autora,

As 'influências' não se reduzem a um fenômeno simples de recepção passiva, mas são um confronto produtivo com o outro, sem que se estabeleçam hierarquias valorativas em termos de anterioridade-posterioridade, originalidade-imitação [...]. Sobre determinado chão cultural (discursivo) podem ocorrer confluências, coincidências de temas e de soluções formais que nada têm a ver com as influências, mas com a existência de certas condições literárias em determinado momento histórico (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 94 e 95).

Perrone-Moisés salienta que a literatura nasce de outros textos literários, de gêneros e temas já explorados, e que cada nova obra tem relação com as anteriores, com retomadas, empréstimos e trocas, por consentimento ou contestação. A imagem metafórica do ritual antropofágico é, para a pesquisadora, “[...] antes de tudo o desejo do Outro, a abertura e a receptividade para o alheio, desembocando na devoração e na absorção da alteridade” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 95).

A antropofagia³, nessa conceituação, é tomada num contexto mágico cerimonial, que devora o outro para adquirir suas características, a força discursiva do texto. A obra artística se inscreve, por esse ritual antropofágico de assimilação crítica, com recusas e justaposição na composição de outras obras, que retornam em novo projeto estético.

Na contemporaneidade, Nelson Rodrigues (1912 - 1980), um dos maiores e mais polêmicos escritores do Brasil, produz uma extensa obra repleta de temáticas demarcadas por ressonâncias das tragédias gregas⁴; obviamente consideradas as diferenças estruturais daquelas estabelecidas por Aristóteles IV a. C.. Diferenças, essas, já bem justificadas por Sábato Magaldi, em seu prefácio ao *Teatro Completo de Nelson Rodrigues*⁵ (1981). Magaldi salienta que tanto pela fidelidade ao seu universo, como a um projeto estético que se contrapunha à dominante comédia de costumes, Nelson julgava imprescindível transitar pelo território do trágico. Dos textos da dramaturgia rodrigueana, os que mais evidenciam essa característica foram denominados pelo autor, em coadjuvação com Magaldi, de “tragédias cariocas”. Diante disso, é o próprio Magaldi quem questiona:

Por que Nelson enveredou para tragédia carioca? [...] De um extremo a outro, indo de motivos lisonjeiros a subalternos. Teria fundamento imaginar que, em face das dificuldades enfrentadas pelas peças míticas [...] o dramaturgo se demitiu de vãos mais elevados e buscou um compromisso com o meio. [...] Um amigo insuspeito como Manuel Bandeira recomendava a Nelson escrever sobre pessoas 'normais' [...] o compromisso com o mundo exterior, o cotidiano, a existência próxima e palpável (MAGALDI, 1981, p. 10).

³ O termo usado por Oswald de Andrade em seu Manifesto Antropofágico – transcrito no primeiro número da *Revista da Antropofagia* (1928). Na perspectiva oswaldiana, a devoração do estrangeiro é decisiva para a construção de uma síntese nacional. “Trata-se de inverter o processo: passar de devorado a devorador” (CARVALHAL, 2003, p. 78)

⁴ Ecos dos textos dos dramaturgos gregos e de seus sucessores têm se reconstituído por centenas de anos, revisitados por diversos escritores e dramaturgos em diferentes temporalidades históricas; contudo, o retorno é sempre outro, com a inserção de novas formas e conteúdos.

⁵ Em *Nelson Rodrigues: Teatro Completo* (1981) Sábato Magaldi organizou as dezessete peças de Nelson Rodrigues em três temáticas, distribuídas em quatro volumes assim organizados: Peças psicológicas, Peças míticas, Tragédias Cariocas volume I e Tragédias Cariocas Volume II.

Em cada fase que perpassou, com seus diferentes escritos, o autor brasileiro foi considerado pela crítica como irreverente para o registro literário de seu tempo. Com elementos melodramáticos, marcados por forte expressividade, Nelson Rodrigues compôs, em cinquenta e cinco anos, um itinerário latente cingido de crônicas, contos, romances e peças de teatro; estas o consagraram como um expoente dramaturgo brasileiro. Os textos exploram temáticas sobre o amor, sexo e ciúmes; relacionamentos amorosos e traição; total subversão aos preceitos morais – bem ocultados pela sociedade contemporânea à época de suas produções.

Nelson Rodrigues começou sua carreira como escritor muito cedo; aos treze anos já publicava crônicas nos jornais fundados pelo pai, Mario Rodrigues, *A Manhã* (década de 20) e *Crítica* (anos 30). Logo, passou a trabalhar como um dos editores do jornal *O Globo*⁶. Mas foi na década de 40, aos trinta anos, que o autor assumiu sua condição de dramaturgo. Ao escrever sua primeira peça para o teatro, *A mulher sem pecado* (1941) e, depois, *Vestido de Noiva* (1943), com enorme repercussão, Nelson Rodrigues provavelmente não imaginava a dimensão que tomaria sua obra. Logo o autor viria a publicar *Álbum de Família* (1944), seguidas de outras quatorze peças⁷.

As peças configuraram um projeto estético classificado por Magaldi (1981) em três núcleos temáticos: além do já citado núcleo das tragédias cariocas (nas quais o dramaturgo expõe denúncias cruas sociedade) e o das peças míticas (que imergiam do inconsciente coletivo), o terceiro núcleo é composto por peças psicológicas (que se ocupavam do inconsciente das personagens). A classificação, porém, se dá apenas pelas evidências, já que, em essência, os três elementos encontram-se justapostos na maioria dos textos. As peças psicológicas absorviam elementos míticos e da tragédia; as peças míticas não esqueciam o psicológico e afluíam a tragédia; a tragédia

⁶ Nelson Rodrigues entrou no Globo, pela primeira vez em 1931. Saiu em 1945, mas voltou à redação em 1962, onde ficou até sua morte, em dezembro de 1980. (<http://memoria.oglobo.globo.com>).

⁷ As peças foram produzidas por Nelson Rodrigues, na seguinte ordem cronológica:

A mulher sem pecado (1942) – drama em três atos; estreia no mesmo ano;
Vestido de noiva (1943) – tragédia em três atos; estreia no mesmo ano;
Álbum de família (1945) - tragédia em três atos; estreia em 1967;
Anjo negro (1948) - tragédia em três atos; estreia no mesmo ano;
Dorotéia (1950) – farsa em três atos; estreia no mesmo ano;
Valsa nº 6 (1951) – monólogo em dois atos; com estreia em 1952;
A falecida (1953) – tragédia carioca em três atos; com estreia no mesmo ano;
Senhora dos afogados (1954) - tragédia em três atos; com estreia no mesmo ano;
Perdoa-me por me traíres (1957) - tragédia de costumes em três atos; com estreia no mesmo ano;
Viúva, porém honesta (1957) – farsa em três atos; com estreia no mesmo ano;
Os sete gatinhos (1958) – comédia em quatro atos; com estreia no mesmo ano;
Boca de ouro (1959) – tragédia carioca em três atos; com estreia em 1960;
O beijo no asfalto (1961) – tragédia carioca em três atos; com estreia no mesmo ano;
Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária (1962) – em três atos; com estreia no mesmo ano;
Toda a nudez será castigada (1965) – peça em três atos; com estreia no mesmo ano;
Anti-Nelson Rodrigues (1974) - peça em três atos; com estreia no mesmo ano;
A serpente (1980) – peça em um ato; com estreia no mesmo ano.

carioca, por sua vez, assimilava o mundo psicológico e o mítico das obras anteriores, conforme Magaldi (1981).

Para este teórico, o dramaturgo - Nelson Rodrigues – movia-se com desenvoltura “do trágico ao dramático, ao cômico e ao grotesco (muitas vezes fundidos numa peça ou mesmo numa cena), da réplica lapidar ao mau gosto proposital, do requintado ao *kitsch*, do poético ao duro prosaísmo” (MAGALDI, 1981, p. 48).

A produção de Nelson Rodrigues salienta a necessidade de libertação das convenções sociais, para – a partir de episódios cotidianos, mesclados a elementos míticos e psicológicos – explicitar denúncias. O jogo ficcional preconiza, assim, a exploração das temáticas relacionadas a aspectos sociais, cingidos de aspectos trágicos, míticos e psicológicos. O autor foi ao fundo da miséria existencial. Numa menção à teoria freudiana⁸, o autor transitava do consciente (eu) ao subconsciente (super-Eu) e às fantasias do inconsciente (Id). Dessa forma, o autor conferia aos seus textos uma dimensão híbrida, plural.

Embora grande parte da crítica o reverencie pela sua composição dramatúrgica, Ruy Castro, ao escrever a obra *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* (1992) registra que Nelson Rodrigues nem sempre teve o teatro como palco principal: “Talvez nunca o tenha sido. Esse, se houve um, foi o jornal. Pode ter sido também a rua (ou a própria cidade do Rio de Janeiro)” (CASTRO, 1992, p. 7). Foram mais de dois mil textos de crônicas e contos estampados nas colunas dos jornais por onde passou o escritor. Este registro de Ruy Castro é interessante, pois coloca em evidência a produção literária e ensaística de Nelson Rodrigues; escrita, esta, menos estudada, conforme levantamento de estudos desenvolvidos sobre a obra rodriguesana.

Em 1951, Nelson Rodrigues começou a publicar uma coluna diária no periódico *Última Hora* com o título *A Vida como ela é...*, que em pouco tempo atingiu um grande sucesso popular. A seção em 1961 passou a ser publicada no *Diário da Noite* e, logo depois, em *O Globo*. Ao final desse ano, Nelson Rodrigues organizou uma seleção dos cem melhores contos para publicar *A Vida como ela é...* (1961). Janaina Senna e Cristina Antonio Jerônimo, em nota do editor para a obra, explicitaram:

Como o melhor jornalismo, falava direto ao público; como a literatura mais sofisticada, fazia tremer suas convicções. Sob as manchetes, o leitor encontrava, pela primeira vez em letra de forma, ciúme e obsessão, dilemas morais, inveja, desejos desgovernados, adultério e sexo. Diagramados, estavam ali o céu e o inferno das tradicionais famílias dos subúrbios cariocas, afrontadas pela emergente classe média de Copacabana (SENNA e JERONIMO, 2012, p. 9).

⁸ Sigmund Freud (1856 – 1939), médico neurologista, criador da psicanálise (um método para investigar os processos inconscientes e inacessíveis do psiquismo). Suas obras completas (composta por 20 volumes na editora Companhia das Letras) abarcam produções como *Escritores criativos e devaneio* (1908), *Totem e Tabu* (1912- 1914); *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (1920- 1923); *O Eu e o ID, Autobiografias e outros textos*. (1923- 1925). Suas proposições comporão a base teórica do primeiro capítulo desta tese.

Logo, outros três livros foram publicados com crônicas selecionadas pelo próprio autor: *A menina sem estrela: Memórias* (1967), *O óbvio ululante* (1968), *A cabra vadia* (1968). Uma década depois, o autor publicaria *O reacionário: memórias e confissões* (1977) - sobre o período em que escreveu as seções *Memórias*, no *Correio da Manhã* e *Confissões* em *O Globo*. Os textos destas obras exploram o viés autobiográfico do autor; os enredos são compostos por narradores que se configuram a partir de elementos que abarcam desde a teoria clássica, evocada por Walter Benjamin (1996), o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune (2008), às proposições do narrador pós-modernos de Silviano Santiago, composições que resultam numa outra proposição – um narrador híbrido, só podendo ser explicado na confluência de diferentes configurações teóricas.

Às crônicas, peças de teatro e aos contos, ainda somam-se as produções de romances. Dentre eles: *Meu destino é pecar* (1944); *A mulher que amou demais* (1949); *Asfalto selvagem: Engraçadinha, seus pecados e seus amores* (1959). Carlos Heitor Cony, ao escrever o prefácio da edição de 2008, de *O Reacionário*, salientou a expressão “anjo pornográfico”, que adjetivava Nelson Rodrigues e, acrescentou: “Foi, sim, um anjo corajoso, que, em busca de um *paraíso perdido*, usufruiu de uma dose de provocações que o tornou odiado por moralistas e progressistas” (CONY, 2008, p. 19).

Dentre tantas outras publicações organizadas a partir da obra de Nelson Rodrigues, evidenciam-se seus livros de contos e crônicas reorganizados com a seleção de Ruy Castro: *A vida como ela é... O homem fiel e outros contos* (1992) *A coroa de orquídeas e outros contos de A vida como ela é...* (1993) e *O óbvio ululante: primeiras confissões* (1993). Depois, vários desses textos foram adaptados para o cinema e para a televisão, num processo de (re)interpretação e (re)criação, que se pode considerar como transposição anunciada, para se fazer referência a uma teoria evidenciada por Linda Hutcheon (2013), sobre a mudança de gênero ou mídia. Para Hutcheon (2013), a adaptação é uma forma de intertextualidade de textos que ressoam pelas repetições com algumas necessárias variações.

Os textos de Nelson Rodrigues inovavam no estilo, no gênero, na abordagem de temas polêmicos e, principalmente, na construção das complexas personagens e situações, mas se repetiam em temas, conteúdos, formas e em várias adaptações. As cinco décadas de produções continuam ecoando fortemente em distintos campos da arte, com diferentes elaborações de gênero e linguagens, por despertarem interesse de autores e leitores há várias gerações.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) explicam bem esse fenômeno ao usufruírem da imagem de um rizoma como metáfora para a compreensão de um sistema aberto e heterogêneo apropriado para obras como a de Nelson Rodrigues. Os autores salientam que “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. A árvore é filiação, mas o

rizoma é aliança [...]. A árvore impõe o verbo 'se', mas o rizoma tem como tecido a conjunção 'e'... e..." (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Essa parece ser a imagem perfeita para identificar a obra de Nelson Rodrigues: uma releitura da realidade, exposta inicialmente em jornais, com suas crônicas, seus contos, seus romances e peças teatrais que se transformam em romances, filmes, minisséries, telenovelas e objetos de pesquisa. Muitas são as evidências de estudos feitos em pesquisas desenvolvidas em dissertações e teses nas mais variadas regiões do Brasil, com diversas metodologias e temáticas.

Além de todas as publicações ficcionais, que fundem diversos gêneros, as repercussões rodrigueanas têm adentrado aos espaços da universidade⁹, na condição de pesquisas e textos acadêmicos. A exemplo disso, em 2007, na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, a pesquisadora Luiza Corrêa Mariani engendrou uma abordagem sobre os escritos do autor feitos para os jornais, com evidencia para a negação, na escrita, da construção do *lead* e das formas dos *Styles books* – formas que demarcavam a objetividade das matérias - em contraposição a subjetividade defendida por Nelson Rodrigues. Antes, porém, em 2006, numa tese intitulada *Inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritos de um anjo pornográfico*, Marcos Sá Freire de Souza, da Universidade federal do Rio de Janeiro, observou como Nelson Rodrigues festejava os excessos do jornalismo no início do século XX, refletindo sobre a liberdade do escritor para cruzar as fronteiras entre a realidade e a ficção, com impressões e digressões subjetivas e como essas fronteiras foram marcas de seus textos literários.

Num outro prisma temático, por Marcelo Porto, as intersecções entre a psicanálise de Freud (1856-1939) e a literatura fizeram parte de um estudo, na Universidade de Brasília (2008), sobre a presença do *Supereu* na canalhice e na neurose – tão assinaladas - na ficção rodriguiana. Já na Universidade Estadual de Campinas, Elen Medeiros (2010) estudou a noção do trágico a partir de conceitos filosóficos, num recorte da perspectiva pessimista do retrato da vida explicitada, nas peças de teatro de Nelson Rodrigues, com enfoque para o final em derrocada dado para as personagens protagonistas. Este estudo também evidenciou a permeabilidade do teatro rodrigueano com a justaposição de gêneros, que se invertem e se recriam.

Pelo viés tragicômico, abordando temáticas da solidão da alma, da perdição e da alienação, interferências cômicas da farsa, da ironia e da sátira em contrapontos risíveis, Salles Gentil pesquisou Nelson Rodrigues, na Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo. Por evidenciar

⁹ A citação das dissertações e teses visa, além da intenção textual (que é convalidar a argumentação sobre as repercussões e intertextualidades provocadas por Nelson Rodrigues), também expor as evidências dos aspectos já estudados e a possibilidade de novas interpretações e reinterpretações a partir das produções do autor escolhido como objeto desta pesquisa. Nelson Rodrigues suscitou diálogos entre autores ficcionais, entre críticos literários, teóricos da linguagem e pesquisadores, não só da área de letras e artes, como também das mais diversas ciências humanas: da filosofia, da sociologia, da antropologia e da psicologia. Foi um autor plural, que transitou por diversos gêneros.

como mote a tradição dos excessos, o autor foi considerado como subversor; característica ressaltada por Agnes (2011), com o estudo de temáticas sobre a dissolução das relações familiares e o caráter transgressor dos relacionamentos afetivos, numa tensão entre aspectos eruditos e populares. Sobre uma relação intersemiótica, Pereira Maria desenvolve, em 2013, na Universidade Federal do Paraná, aspectos de análises sobre alguns textos de Nelson Rodrigues que foram adaptados para o cinema. Essa temática já havia sido explorada nos estudos feitos por Dutra Martins, em 2008, na Universidade Federal de Santa Catarina. Àquela época, Martins asseverou que o teatro rodrigueano de dupla tensão (pelos domínios temáticos e domínios estéticos) não encontrou eco nas adaptações para o cinema, por estas serem reducionistas do universo tensional.

Dentre todas essas proposições e pesquisas realizadas é possível sobrelevar uma condição de Nelson Rodrigues – exposta em seus mais de dois mil textos de vários gêneros - a de que o autor sempre intencionara deflagrar na arte da escrita as polêmicas de seu contexto social, num emaranhado de composições que explicitavam, além do espaço e condições reais, o retrato do inconsciente coletivo. E essa condição pode ser depreendida em suas crônicas, em suas peças teatrais, em seus contos e romances; em seus textos considerados trágicos, míticos ou de viés psicológicos.

Nesses meandros da composição artística, vale ressaltar, dessa forma, o papel do autor e seu contexto de criação para a obra literária. Em seu dicionário de termos literários, Massaud Moisés (2013) explicita uma acepção objetiva para conceituar o autor e avaliar sua produção – “um ser determinado, socialmente diferenciado, que redige histórias fictícias para desfrute e aprimoramento do leitor” (MOISÉS, 2013, p. 372). Numa acepção complementar, Patrice Pavis (2011), no *Dicionário de Teatro*, trata do autor na dramaturgia, com um estatuto que variou consideravelmente no curso da história. Para Pavis, o autor assume o primeiro elo de uma cadeia de produção, que envolve o texto, a encenação, o jogo do ator, a apresentação cênica concreta, a recepção pelo público. Pavis observa que: “A teoria teatral tende a substituí-lo por um sujeito global, um coletivo de enunciação” (PAVIS, 2011, p. 32).

A partir destas considerações sobre a arte literária - como uma ficção configurada a partir de percepções do mundo real pelo sujeito escritor - “o ser estranho” na adjetivação feita por Freud - que é capaz de criar mundos - poder-se-ia evidenciar Nelson Rodrigues como um sujeito global e múltiplo, que migrou por vários gêneros e os compôs em vários espaços; foi repórter policial, colunista, cronista, dramaturgo, ator, roteirista; foi, essencialmente, um coletivo da enunciação. Um ser socialmente diferenciado, que explorou a simultaneidade de suas percepções conscientes e inconsciente no momento de suas produções, ‘um ser estranho’, de fato.

A partir de seus textos, o autor promoveu incursões pela literatura que se configuraram como um mosaico ficcional de interpretações e, para tomar por empréstimo o termo de Bakhtin (1929), uma construção caleidoscópica e polifônica com muitas repercussões. A função criadora de Nelson se deu pela organização de seu processo estético – dando forma (pela escolha dos gêneros) e conteúdo (pela escolha dos temas) aos textos - a partir de diálogos com seu contexto de produção, com suas incursões também em outros contextos e textos e a muitos de seus devaneios.

Conforme salienta Geraldo Veloso (1994), Nelson Rodrigues “ensina o Brasil a falar brasileiro através de uma chave universalizante que traz Sófocles, Ésquilo e Eurípedes para o fundo de nossos quintais suburbanos” (VELOSO, 1994, p. 15) numa mistura inter e intratextual. As tragédias apontam de uma peça à outra, destas às crônicas, aos romances, destes todos, em adaptações com outras linguagens artísticas – para o cinema e para a televisão.

Em *O Baú de Nelson Rodrigues* (2004), organizado por Caco Coelho, fica evidente uma das principais características de Nelson Rodrigues: a de que o autor não via dessemelhança entre literatura e jornalismo. Coelho, sobre essa relação salienta que “o jornalismo brasileiro desse período, feito com uma linguagem refinada, ganhava dimensões nacionais, e os jornais se firmavam como os grandes meios de comunicação de massa, antes da era do rádio” (COELHO, 2004, p. 25).

Nelson Rodrigues atuou como repórter policial e, sobre isso, conclamava que os ficcionistas que não fossem repórter policial eram desfalcados. Para ele, em três meses de reportagem policial diária, se adquiriria a experiência de um Balzac: “Todo meu teatro tem a marca de minha passagem pela reportagem policial” (RODRIGUES, S. 2012, p. 35)¹⁰

O escritor logo ganharia destaque nas principais folhas do meio jornalístico; já em 1928, aos quatorze anos, publicaria seu primeiro texto, denominado “A tragédia da pedra...”. É com esse mesmo teor, sobre a mesma metáfora atribuída a essa pedra, segundo Coelho, que o autor erguerá toda sua obra. O texto chama a atenção do leitor para aquilo que não se pode ver, para as reflexões implícitas, e para como esse fator – sobre o que não se pode ver – tem provocado as grandes tragédias da humanidade. Numa alegoria bem construída, Nelson Rodrigues usufrui da prosopopeia para relacionar a montanha e a águia, com atributos e propriedades bem definidas – o cume da montanha que insistentemente busca alcançar o céu, como se fosse uma águia, passa a ter consciência de sua incapacidade – sem, entretanto, que isso seja percebido por seres desavisados. Fato que irá demarcar a vida trágica da pedra. Da composição d’ *A tragédia da pedra...* muitos textos, com o mesmo teor, foram produzidos por Nelson Rodrigues.

¹⁰ Os trechos identificados com esta referência se tratam de recortes do livro *Nelson Rodrigues por ele mesmo* (2012) organizado por sua filha, Sonia Rodrigues.

Em suas dezessete peças de teatro, escritas no decorrer de três décadas, o autor expõe um misto das tragédias vivenciadas, de devaneios e desejos reprimidos. Vários dos protagonistas rompem a censura do consciente, e adentram para além da superfície do aparelho psíquico – em seu Id – com seus desejos e pulsões. Nelson Rodrigues não se furta, ao compor personagens como Olegário (*A mulher sem pecado*, 1942), Alaíde (*Vestido de Noiva*, 1943), Sônia (*Valsa nº6*, 1951), Ivonete (*Viúva, porém, honesta*, 1957), Oswaldinho (*Anti-Nelson Rodrigues*, 1974), de explorar arquétipos de sujeitos que, ao terem seus impulsos refreados na vida em sociedade, em prazeres efêmeros, libertam-se dos *tabus*, das convenções sociais e passam a se comportar sem as pressões do super-eu, induzidos pela liberdade de usufruir do Id em possibilidades de devaneios.

Na terceira peça, *Álbum de família* (1964), e em pelo menos outras três, *Dorotheia* (1947), *Anjo negro* (1948) e *Senhora dos afogados* (1956), Nelson irá explorar a criação a partir de um universo mítico – do inconsciente coletivo. A formação primitiva dos mitos e crenças – dos *tabus* já conceituados por Freud (2012) – transitando entre seus personagens na dramaturgia.

Nas décadas de 50 até e 60, o autor passa a explorar, na produção das peças teatrais, não mais o viés apenas psicológico ou mítico, mas também a estrutura trágica – denominadas por Sábato Magaldi (1981) de “tragédias cariocas”. Com a mesma estrutura, o autor compôs os contos, publicados em colunas diárias de jornais, inicialmente no jornal *Última Hora* e, depois, em *O Globo*. Dentre essas publicações, cem contos foram selecionados por Nelson Rodrigues para a publicação do livro “*A vida como ela é...*” (1961).

Os contos relacionam-se com a superfície dos jornais, os personagens criados e as temáticas exploradas migram de um texto para outro: os maridos traídos e aqueles que traíam; as mocinhas ‘frágeis’, com sua dupla personalidade; os obsessivos pela morte: a própria e a dos entes queridos; os pecadores, os honestos que se transformam em pecadores, os pecadores que se redimem; as vizinhas curiosas e invejosas; os primos, os irmãos com o mesmo objeto de desejo – os gêmeos, as gêmeas. Vários personagens são configurados como arquétipos, a partir do estabelecido no inconsciente coletivo, extremamente usufruídos por Nelson Rodrigues.

Vale ressaltar que o conceito de arquétipo aqui explorado constitui um correlato indispensável para a compreensão da ideia do inconsciente coletivo e o conceito é o proposto por Carl Gustav Jung (2016), para quem os arquétipos formam um conjunto de “imagens primordiais” configuradas a partir de uma repetição progressiva de uma mesma experiência por várias gerações. “O arquétipo é uma tendência às mesmas representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras representações de detalhes – sem perder a sua configuração original” (JUNG, 2016, p. 83).

Jung salienta que inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado, configurado de motivos ou temas que assumem formas preexistentes – os arquétipos – que só

secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência. “O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva” (JUNG, 2016, p. 83).

Os arquétipos explorados por Nelson Rodrigues se repetem a todo instante em sua obra, assim como aqueles presentes na humanidade desde os primeiros ancestrais humanos, e são trazidos à tona em suas produções literárias – a figura da esposa dedicada, mas com dupla personalidade; o marido traído; os heróis em derrocada; os irmãos inimigos; a figura do duplo; os mitos; os desejos reprimidos; os desejos eróticos; o desejo da morte - e migram de um conto para o outro, de uma peça à outra, de um conto para uma peça e destes dois gêneros para as crônicas.

Sobre essas migrações e o novo *status* que cada personagem assume ao ser recriado, o crítico Umberto Eco sentencia: “Quando se põem a migrar de um texto para o outro, as personagens ficcionais já adquiriram cidadania no mundo real e se libertaram da história que as criou” (ECO, 1994, p.132). O crítico, provavelmente, falava de personagens que figuravam com as mesmas características, inclusive o mesmo nome; não era esse o caso das personagens rodrigueanas – os nomes são muitos: Margô, Paulo, Alberto, Carlos, Solange, Sandra, Odésio...

Os personagens rodrigueanos não se repetem para se libertarem da história, mas suas características, sim. Muitas vezes, os arquétipos são recriados. E o próprio Nelson Rodrigues, sobre isso, é quem evidencia: “Eu me repito com o maior despudor, usando uma metáfora 150 vezes e mantendo as mesmas ações e situações em várias peças, romances e crônicas” (RODRIGUES, S. 2012, p. 94); o autor repete-se para salientar os arquétipos escolhidos que figuram constantemente em suas criações.

Para Castro, Nelson Rodrigues era um homem arrastado por uma espécie de ímã demoníaco (seu destino trágico, talvez) para uma realidade ainda mais dramática do que aquela que ele costumava registrar em suas criações. Bentley (1991) é quem registra que toda a tragédia é uma porção da vida de um indivíduo – do sujeito criador, ou de seus semelhantes, estampada em suas criações e recriações. Ainda sobre o gênero, o autor sentencia:

A tragédia não pode ser de um otimismo extremo, pois isso seria subestimar o problema; não pode ser de um pessimismo extremo, pois isto significaria perder a fé do homem. No coração da tragédia está uma luta dialética violenta, na qual a vitória de qualquer das partes é crível (BENTLEY, 1991, p.81).

Esse equilíbrio que nega o otimismo e o pessimismo extremos está na obra rodrigueana, não só nos contos e peças de teatro, mas em todos os textos. Convém salientar que Nelson Rodrigues, como já evidenciado, não compôs apenas com este teor trágico; em todos os gêneros por onde transitou, o autor fundiu textos míticos, psicológicos e cômicos, por conta do seu estilo irônico e,

muitas vezes, do humor negro. Sua obra é considerada pela crítica, como um tratado mais completo sobre a classe média brasileira. Para Coelho (2004), o dramaturgo é um desbravador, com riqueza vocabular, foi um criador genial de uma época em que o jornalismo era tido como baluarte da transformação.

[...] sua considerável trajetória de mais de meio século nos proporciona a visita, em especial, a um Rio de Janeiro que marcou seu tempo numa condição muito mais próxima da dignidade, uma cidade em que a fábula ocupava, em boa parte, o lugar da concretude da vida e o delírio era um caminho viável para se atingir a essência do ser humano (COELHO, 2004, p. 45).

Os mais de dois mil textos de crônicas, publicados em jornais como *Correio da Manhã* e *O Globo*, nas colunas *Memórias* e *Confissões*, nas décadas de 60 e 70 explicitam a relação de Nelson Rodrigues com seu tempo. Durante as décadas o autor publicaria, nessas colunas, crônicas sobre contexto da sociedade brasileira, sobre particularidades da sua obra – retomando aspectos da composição de seus textos de conto, de teatro e de romance - e, principalmente, sobre a sua história; sua história de vida e as várias histórias de vidas de seu tempo, extraídos de contexto explícito e do inconsciente coletivo – pela reconstrução dos arquétipos.

Luiz Carlos Simon (2006), ao caracterizar o perfil intelectual do cronista contemporâneo, evidencia o caráter da literariedade deste gênero e a necessidade de um perfil híbrido do cronista diante do desafio de se posicionar frente às notícias que o jornal veicula, já que a crônica – como exigência do gênero – reporta-se, na maior parte das composições, aos fatos de seu tempo, noticiados em meios jornalísticos. O intelectual encontra-se sempre entre a solidão da produção ficcional e o alinhamento do contexto noticiado. Simon estabelece alguns questionamentos. Dentre eles, destacam-se: “Com quais outros motes a notícia divide espaço para a prática do cronista? [...] De qual modo o perfil híbrido do cronista tem auxiliado em sua caracterização como um intelectual contemporâneo?” (SIMON, 2006, p. 161). Logo o próprio autor inicia a resposta:

A crônica que recorre com intensidade ou exclusividade ao componente fictício se diferencia daquela em que sobressai um eu disposto a confessar suas motivações. Não se trata de confundir esta primeira pessoa que se manifesta no texto - a quem nos referimos como o eu do Cronista – com a figura real do autor, embora essa associação seja até possível por algumas marcas textuais (SIMON, 2006, p. 162).

As crônicas escritas por Nelson Rodrigues são chamadas pelo próprio autor de reminiscências do passado, do presente, do futuro e de várias alucinações; declaração que comprova a classificação estabelecida por Simon (2006) sobre a composição dos textos. Os motes para integrarem a produção do gênero são múltiplos (as recordações do passado, as histórias contadas

por amigos, o diálogo com textos literários e textos históricos), atrelados ou não aos desdobramentos variados de notícias.

A problematização que ronda o gênero sobre a relação entre a literatura e o jornalismo é respondida ao se estabelecer que as múltiplas motivações do escritor não se restringem a um único modelo. A notícia e o lirismo podem conviver sem grandes obstáculos – a vida cotidiana, o mundo real e o mundo ficcional.

É possível, assim, incluir Nelson Rodrigues no perfil do intelectual cronista estabelecido por Simon (2006) – para uma realidade que não aceita mais legisladores nem profetas como guias, autores sintonizados com as notícias e com situações do cotidiano e armados com a multiplicidade de estratégias, que vão do humor às reflexões e ao lirismo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada novo texto produzido, a cada novo movimento a partir dos anteriores, das peças teatrais de Nelson Rodrigues, das crônicas, dos contos, dos romances, das análises feitas pelas pesquisas nas universidades, das adaptações para outros gêneros, outras mídias, foram produzidos outros projetos, com outros e diferentes efeitos estéticos; com novas marcações da voz do narrador, novo tempo, com novo encadeamento progressivo dos fatos, com uma incrível consciência da estruturação da linguagem.

Na produção rodrigueana, em cada texto, em cada gênero, é possível destacar alguns fragmentos que irão compor sua estrutura: com a forma e o conteúdo, que evidenciam literariamente o vigor de suas composições. Vale ressaltar, por fim, que entre as figuras reais do autor Nelson Rodrigues e do possível leitor de suas narrativas literárias, encontra-se a obra, com todos os meandros ficcionais, com enredo, personagens, unidades de tempo, espaço, e, ainda, o sujeito ficcional responsável por contar a sua história – o narrador – que é figura engendrada pelo autor para dar voz ao seu projeto estético.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 3. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENTLEY, Eric. **O Dramaturgo como Pensador**: um estudo da dramaturgia nos tempos modernos. Trad. Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.

CANDIDO, Antonio. *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CASTRO, Ruy. *In*: RODRIGUES, N. **A Vida como ela é...**: o homem fiel e outros contos. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CASTRO, Ruy. *In*: RODRIGUES, N. **A menina sem estrela**: memória. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

COELHO, C. **O Baú de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CONY, C. H. *In* RODRIGUES, N. **O Reacionário**: memórias e confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célio Pinto Costa. Vol. 1, São Paulo: Editora 34, 1995.

ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 11**: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914). Trad. Paulo César de Souza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Obras Completas Volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916 – 1917). Trad. Paulo César de Souza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da Adaptação**. 2. ed. André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

JUNG, Carl. *et al.* **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. 3.ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. (org.) **Nelson Rodrigues**: teatro completo – vol1: peças psicológicas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MARIANI, Luiza Helena Sampaio Corrêa. **Os Idiotas da Subjetividade**: Nelson Rodrigues entre o Jornalismo e a Literatura. 2007. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2007. 212p.

MARTINS, Jade Gandra Dutra. **Nelson Rodrigues e sua Cena: Teatro da Dupla Tensão Cinema da Síntese**. 2008. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008. 513p.

MEDEIROS, Elen. **Nelson Rodrigues e as Tragédias Cariocas: um estudo das personagens**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005. 172p.

_____. **A Concepção do Trágico na Obra Dramática de Nelson Rodrigues**. 2010. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2010. 206p.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEREIRA, Maria da Conceição Vanconcelos. **Nelson Rodrigues: O Anjo Negro e a Falência da Família**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, Belém. 2012. 68p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da Escrivadinha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PORTO, Marcelo Duarte. **Da Canalhice à Redenção: Nelson Rodrigues e o Supereu Brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília. Brasília. 2008. 207p.

RISSARDO, Agnes Danielle. **Nelson Rodrigues e a Hipérbole do Banal**. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2011. 195p.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é...** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **A Vida como ela é...: o homem fiel e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **A menina sem estrela: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O óbvio ululante: primeiras confissões**. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **O Reacionário: memórias e confissões**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

RODRIGUES, Sonia. (org.) **Nelson Rodrigues: por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **O narrador pós-moderno**. In: Nas malhas das letras: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SALES, Ariela Fernandes. **A voz insidiosa da Traição:** tragédia, melodrama, e *Fait Divers* em a Mulher sem Pecado, de Nelson Rodrigues. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2014. 101p.

SOUZA, Marcos Francisco Pedrosa Sá Freire. **Inventário Ilustrado e Recepção Crítica Comentada dos Escritos de O Anjo Pornográfico.** 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006. 237p.

VELOSO, Geraldo. São Bernardo: Cinema e literatura: momento resumo da cultura brasileira contemporânea. In: RODRIGUES FILHO, N. **Letra e Imagem:** linguagem e linguagens. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.